



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE

ADELITA FRANCO MONTALVO

**A HISTORIA DE MALINALLI E APIAGUAIKI TUPA: DUAS CULTURAS,
DOIS MUNDOS**

Campo Grande/MS

2016

ADELITA FRANCO MONTALVO

**A HISTORIA DE MALINALLI E APIAGUAIKI TUPA: DUAS CULTURAS,
DOIS MUNDOS**

Artigo científico apresentado a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária Campo Grande, como requisito parcial para conclusão do Curso de Letras (Português/Espanhol).

Orientador: Prof. Dr. Márcio Antonio de Souza Maciel

Campo Grande/MS

2016

ADELITA FRANCO MONTALVO

**A HISTORIA DE MALINALLI E APIAGUAIKI TUPA: DUAS CULTURAS,
DOIS MUNDOS**

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Antonio de Souza Maciel (Presidente)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Andre Rezende Benatti

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. *MSc.* Wellington Furtado Ramos

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Altamir Botoso (Suplente)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 05 de outubro de 2016.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e oportunidade que me concedeu para continuar estudando e pela fortaleza que me deu para vencer mais um objetivo da minha vida.

À minha família: minha mãe Adela, meu pai Marianderson, e minhas irmãs Evelin, Jhisely, Júlia, por estar sempre comigo nos momentos difíceis me ajudando, apoiando e acreditando nos meus objetivos e metas com seu carinho e paciência.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Antonio de Souza Maciel, pelo acompanhamento, orientação, paciência e pelo incentivo de não desistir, muito obrigado pelo seu carinho.

Aos demais professores da Graduação por fazer parte desta caminhada e por todos os ensinamentos, dicas e conselhos.

RESUMO

A proposta deste artigo é analisar e comparar a obra de Laura Esquivel (2005) *Malinche* com o relato histórico Bolívia do povo Chiriguano (2009) *Apiaguaiki Tupa*. Tentamos demonstrar o processo de colonização do novo mundo desenvolvido pelos conquistadores espanhóis. As duas obras propõem a releitura e expõem duas culturas indígenas diferentes a qual nos permite interpretar o passado histórico marcada pelos massacres. A obra de Laura Esquivel traz traços próprios da sua escrita, de autoria feminina, que a distingue do paradigma masculino e a ficção nos faz refletir sobre o papel e da condição da mulher, muitas vezes, oculto na sociedade. Utilizamos a obra de Malinche para relacioná-la com os conceitos de: dominação, memória e massacres. Malinalli demonstra seus conflitos interiores, o abandono e descontentamento com os sacrifícios humanos, valorizava a natureza. Na obra boliviana, o personagem principal é Apiaguaiki Tupa que se torna líder na da juventude para combater as conquistas espanholas.

Palavras chaves: Malinalli, Apiaguaiki Tupa, Memória, Conquista Espanhola.

RESUMEN

La propuesta de este artículo es analizar y comparar la obra de Laura Esquivel (2005) "Malinche" con la obra Boliviana del Pueblo Chiriguano (2009) "Apiaguaiki Tupa". Tentamos demostrar el proceso de la colonización del nuevo mundo desenvuelta por los conquistadores españoles. Las dos obras proponen la relectura y expone dos culturas indígenas diferentes la que nos permite interpretar el pasado histórico marcado por las masacres. La obra femenina de Laura Esquivel trae sus características propias de su escritura y se distingue del paradigma masculino, la ficción de la obra nos hace reflexionar del papel y de la condición de la mujer escondida en la sociedad. Utilizamos la obra malinche para relacionarla con los conceptos de: dominación, memoria y masacres. Malinalli demuestra sus conflictos internos, el abandono, la insatisfacción con los sacrificios humanos, valorizaba la naturaleza. En la obra Boliviana el personaje principal es Apiaguaiki Tupa que se convierte en líder en su juventud para luchar contra la conquista española.

Palabras claves: Malinalli, Apiaguaiki tupa, Memoria, Conquista española.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Resumo de Apiaguaiki Tupa e Malinche.....	8
3. Revisão Literaria.....	13
3.1 Malinalli a mulher indígena.....	14
3.2 As lembranças da força de Malinalli.....	17
3.3 Semelhança e diferença da conquista do povo Asteca e do Chiriguano 	18
4. Considerações Finais	20
5. Referência Bibliográfica.....	22

1. Introdução

O presente artigo tem como finalidade apresentar o romance da escritora mexicana Laura Esquivel “Malinche”, publicado no ano 2005. Laura Esquivel nasceu na cidade de México em 1950, obteve um amplo reconhecimento como roteirista de cinemas, atividades onde obteve grandes méritos. Seu primeiro romance foi *Como agua para chocolate*, publicada em 1990, e foi um dos maiores acontecimentos literários.

Primeiramente será apresentado os resumos da obra Malinche e da história do Apiaguaiki Tupa. Também, fará parte deste trabalho as passagens importantes da personagem principal Malinalli, as lembranças do seu passado, os momentos importantes que viveu do lado da avó, o abandono que sofreu, e momento onde ela chega a ser a pessoa mais importante, aquela que interpretava as palavras, a que podia omitir, e modificar o que os espanhóis e seu próprio povo queriam escutar.

Faremos uma comparação da obra Malinche de Laura Esquivel com o relato histórico dos Chiriguano, pois ambas culturas sofreram com a chegada dos espanhóis na sua terra, e foi derramada muito sangue, para que os espanhóis não usurpassem suas terras. Vale destacar que nessa comparação utilizaremos a uma personagem feminina mexicana e uma masculina boliviana, e relevante dizer que comparação desses personagens de sexos diferentes acontece por que nas pesquisas bibliográficas realizadas não encontramos na literatura Boliviana, obras que relatem das mulheres indígenas Bolivianas que seja igual ou similar a Malinalli, por esse motivo optamos por comparar alguns acontecimentos que sobressaem nas duas narrativas.

1. Resumo de Apiaguaiki Tupa e Malinche

➤ Apiaguaiki Tupa

Esta população chamada de Chiriguanos, guaranis, indígenas ou guarayos, foi um povo que lutou, e luta até agora, para não perder sua cultura, suas terras e sua língua nativa.

Os incas, sob o comando de Garcilaso, foram tomando posse de algumas terras. Os incas descreviam os chiriguanos como pessoas bárbaras, sem cultura e sem deus, por esse motivo, decidiram impor suas crenças.

Además, informaron al Inca que "los naturales eran brutísimos, peores que bestias fieras; que no tenían religión ni adoraban cosa alguna; que vivían sin ley ni buenas costumbres, sino como animales por las montañas, sin pueblos ni casas, y que comían carne humana. Con estos datos, el Inca resolvió atacar a los chiriguanos, para convertirlos a su religión; pero, al cabo de dos años, sus guerreros salieron de la provincia sin haberla conquistado.(APG,2009,p.2)

Para Garcilaso chegou informação de que os espanhóis tomaram posse de Cuzco e, diante disso, ele decidiu abandonar essas terras. Por meio dos anos 1569 – 1581, o Vice - Rei

do Peru, Senhor Francisco Alvarez de Toledo, organiza um enfrentamento contra os Chiriguanos já que pretendiam aniquilar essa raça e tomar posse da Chiriguanía. Todavia, os indígenas responderam aos ataques e o evento terminou com a vitória dos chiriguanos e com a conseqüente retirada dos espanhóis.

Em 1581 e 1595, Lorenzo Suárez de Figueroa, governador de Santa Cruz de la Sierra (Bolívia), propôs que atacassem novamente os Chiriguanos e que cortassem o dedo polegar da mão direita aos fugitivos quando capturados. A pressão espanhola, tanto do exército e como do catolicismo, cresceu bastante até o ponto que chegou a minar a cultura Chiriguana. Os caciques vencidos eram chamados de vassallos e, por isso, mantinham-se obedientes ao rei espanhol, e os indígenas eram utilizados como mão de obra escrava.

Entre os vários enfrentamentos que os chiriguanos mantiveram com espanhóis, os indígenas se colocavam contra os brancos, com todas as armas que possuíam, com arcos e flechas. A história que marcou o povo chiriguano foi no 1892, na batalha de Kuruyuki, no comando do líder Apiaguaiki Tupa.

Por volta de 1863, foi quando nasceu “Chapiarai”, ele junto à sua mãe, passou a servir os donos de grandes fazendas. Eles passaram por vários lugares, não podiam ter um lugar fixo de moradia. Nos anos 1874 -1875, Kuchirama junto com um grupo de vinte famílias liderado por Mburuvicha Chindare, se assentaram nas terras de Mburukuyati, sem consentimento do dono da terra, na época era o senhor Castillo que os amedrontou para que abandonassem as terras. Contudo, Kuchirama e seu povo não o escutaram.

Os poderosos proprietários consideravam ilegais esses tipos de assentamentos. Para acabar com esse problema, mandaram o comandante Chavarría para que castigasse o povo Chiriguano, ele e seu exército chegaram à meia noite, retiraram, homens, mulheres e crianças das terras. No meio do caminho, mandou degolar a todos os homens exceto as mulheres e crianças, porém, algumas mulheres foram executadas por rebeldia. Nessa noite, Chapiarai se escondeu no matagal junto com ancião que milagrosamente se salvou dessa tragédia ao contrário da mãe que foi uma das vítimas.

O líder cresceu e viveu junto com seu salvador, o ipaye Guiraiyu quem ensinou tudo sobre a sabedoria guarani e, quando jovem, foi considerado um excelente pajé. Adquiriu uma grande formação espiritual e política, Chapiaguasu foi rebatizado e recebeu o nome de Apiaguaiki Tupa.

O jovem Apiaguaiki Tupa planejava enfrentar aos Karai (os brancos ou espanhóis), continuavam apoderando-se de terras usurpando os guaranis, os governantes da época não

faziam nada para apaziguar os ânimos de ambos lados, pois os espanhóis só pensavam em entregar as terras por amizades ou por dinheiro.

Em 1891, mais uma vez, se desencadeou o sentimento de conquista pela (“tierra sin mal”), da dignidade guarani e da libertação. Os maiores objetivos que o grupo tinha eram de reconquistar sua antiga independência, reestabelecer o paraíso terrenal, a terra sem mal. No entanto, para isso, precisavam apagar a presença dos intrusos (proprietários de terras, missioneiros, quartéis), recuperar o que pertenciam a seus pais.

Em uma assembleia, realizada pelos Mburuvichareta, aprovaram por unanimidade o plano de rebelião contra os Karai usurpadores, nela elegeram ao jovem Apiaguaiki, como chefe do movimento de libertação. Em duas oportunidades, o Tenente Saenz e as autoridades Ñunvite conversaram com o líder para estabelecer um tratado de paz, o líder guarani aceitou o “ Tratado de Paz y Alianza”, para o 4 de janeiro de 1892.

Todavia, um fato terrível aconteceu na virada do ano. O magistrado de Cuevo Fernín Saldias, violentou e assassinou a jovem guarani, sobrinha do chefe Asukari de Ivo, o assassino não sofreu nenhum castigo, e esse acontecimento indignou o povo guarani.

Após esse crime, os chiriguanos contra-atacaram os karai no dia 7, 10, 13 de janeiro e tiveram vários enfrentamentos, no qual o exército era forçado a retroceder. No 21 de janeiro, os guarani contra-atacam, contudo, acabam perdendo, pois o Coronel Frias organizou seus soldados e a batalha durou pouco. Os guarani tiveram que retroceder deixando no caminho 40 indígenas mortos, as cabeças desses companheiros que ficaram foram expostas na praça central de Santa Rosa. Depois desse enfrentamento o líder guarani, se concentrou com seu povo planejando como reforçar seus campos de defesa, enquanto isso, o quartel de Santa Rosa recebia a chegada de 1690 homens para combater os guarani.

A batalha final ocorreu no 28 de janeiro, começou às oito da manhã e terminou às quatro da tarde, o enfrentamento foi difícil para ambas partes. Muitos Chiriguanos já tinham caído no campo de batalha, porém, não desanimavam pois lutavam para vencer ou morrer, armas que cuspiam fogos foram mais poderosas que os arcos e flechas dos guarani e, mais uma vez, venceram os karai. O Coronel Frias e seu exército e os outros brancos desejavam e tinham a necessidade de acabar com essa raça. Apesar da derrota, os guarani não desistiam de conquistar suas terras até que no final de março aconteceu a perseguição dos guarani.

No dia 18 de fevereiro, o Coronel Melchor Chavarría terminou de ensanguentar a Cordilheira, ele mesmo se encarregou de ajustiçar e executar na praça de Santa Rosa os

guarani Guirakota II e Añemoti os, amigos mais próximos de Apiaguaiki. O coronel matou mais de 2000 guaranis, seu grande anseio era acabar com todos eles.

Era 29 de março de 1892, o guarani Guarerai traiu o líder Apiaguaiki Tupa, eram quase três horas da tarde, e em plena praça as pessoas presenciaram o execução de Apiaguaiki, o líder foi escoltado pelos soldados que caminhavam em silêncio até a madeira da morte. Contemplando pela última vez o território e os céus que seus avós ansiavam reconquistar, e o líder morreu abandonado por todos sem que ninguém o defendesse.

Desde, então, o 28 de janeiro e o 29 de março a nação guarani se reúne para perpetuar aqueles heróis que ofereceram suas vidas para defender seus territórios e liberdade.

➤ **Malinche**

O romance Malinche está dividido em oito capítulos e narra as diferentes passagens da personagem principal, Malinalli, e a de Cortés, como personagem secundário.

O primeiro capítulo descreve o nascimento de Malinalli, a dificuldade que a mãe teve para dar à luz. O dia estava chuvoso e o cordão umbilical estava enrolado no pequeno pescoço da menina, a avó não conseguia ouvir, nem prestar atenção nas vozes dos deuses, ela não conseguia compreender a mensagem que eles queriam repassar, pois, ela não sabia se prestava atenção no chamado ou na nora que estava em trabalho de parto.

Também, relata a chegada dos espanhóis, Cortés e seus soldados, que foram comparados aos deuses, pois, acreditavam que um dia voltariam como a profecia já o tinha descrito, pensavam que fossem os enviados do deus Quetzalcóatl.

No segundo capítulo, Malinalli lamenta a morte do pai, da avó e dos sacrifícios humanos que seu próprio povo indígena fazia para seus deuses. A sua memória trazia as lembranças do passado das coisas que aprendeu com avó, a interpretação dos códices, os trabalhos manuais, uma das lembranças mais marcante na vida de Malinalli é quando ela foi doada pela própria mãe, sendo apenas uma menina, uma criança que não sabia o que o futuro tinha preparado para ela, aprendeu a superar seus próprios medos, procurando proteção nas estrelas do deus Quetzalcóatl e da avó.

O terceiro capítulo apresenta o batismo de Malinalli quando o padre Jerónimo e os espanhóis lhe deram um novo nome “Marina”. Malinalli sabia que para o seu povo seu nome tinha um grande significado pois era “de ressurreição”, o novo nome que recebeu a decepcionou muito já que o significado não era tão importante como o outro, somente significava “a que vinha do mar”.

No quarto capítulo, Malinalli toma a responsabilidade de ser a tradutora de Cortés, pois ela tinha se destacado entre as outras dezenove mulheres escravas que tinham sido dadas para Cortés. Enquanto Malinalli tomava banho no rio, Cortés estava do outro lado do rio, ele não tinha prestado atenção que Malinalli estava ali, pois estava perdido nos seus pensamentos de conquistas, depois de observar e admirar a beleza da natureza que estava ao seu redor, decidiu mergulhar no rio onde seus olhos encontraram Malinalli, se sentiu atraído pelo seu corpo nu, se aproximou, tentou conversar sobre algum assunto, porém, não conseguiu resistir à sua beleza, se esqueceu da promessa que tinha feito com seus soldados de não manter relação com nenhuma mulher indígena: a natureza, o rio e os deuses foram testemunha do ato sexual de Cortés e Malinalli. .

No quinto capítulo, Cortés entra em um pequeno quarto de purificação junto com Malinalli chamado de “tamascal” isso para os deuses o ajudassem com sabedoria e esperteza para entrar na cidade de Cholula, as quais eram novas terras para serem conquistadas. Cortés foi bem recebido, mas essa terra não lhe trazia confiança. Malinalli gostava de conversar sobre suas crenças religiosas, Cortés não se importava muito com essas crenças religiosas, ele não gostava dos deuses do povo indígena, pois ele era católico, Malinalli explicando sobre seus deuses contou como o deus Quetzalcóatl foi embora da terra deles prometendo voltar um dia.

O sexto capítulo Moctezuma, imperador mais poderoso, Cortés pediu para Malinalli que traduzisse algumas palavras de agradecimentos pelas boas vindas que Moctezuma tinha feito para ele. Moctezuma ofereceu o palácio de Axayácatl para que descansassem. Cortés era um homem muito ambicioso e queria possuir todas as terras, as riquezas, e o ouro que se encontravam nelas. Essa mesma noite em que foi recebido por Moctezuma, Cortés mandou chamar a Malinalli e manteve relações sexuais com ela para comemorar o triunfo que tinha obtido. Malinalli, no entanto, se sentiu humilhada pelo comportamento e agressividade que Cortés teve para com o corpo dela, nessa mesma noite, Malinalli foi tomou banho em um dos córregos. Nos dias seguintes, Cortés se dedicou a roubar o ouro que se encontrava no templo.

O sétimo (e penúltimo) capítulo destaca a morte do grande imperador Moctezuma que morre apedrejado, foi o que os espanhóis informaram, porém, os indígenas afirmavam que tinha sido assassinado pelos próprios espanhóis. O irmão de Moctezuma, o jovem Cuitláhuac, de imediato organizou um enfrentamento contra os espanhóis e foram obrigados a sair depressa. No entanto, ele morreu pela epidemia de catapora negra que tinha sido

transportada corporalmente nas embarcações dos escravos cubanos que vieram com os espanhóis. O novo imperador foi Cuauhtémoc que tomou o poder e uma das primeiras ordens foi mandar executar todos os filhos de Moctezuma. No golpe final, Cortés tinha alguns aliados para apoderar-se de Tenochtitlan. Nessa noite mataram e apreenderam mais de quarenta mil indígenas, em uma noite muito sangrenta, com choro e lamentações de homens, mulheres e crianças.

No oitavo e último capítulo, Malinalli já como esposa de Jaramillo, construíram uma casa com grandes fontes de água, no pátio, ela gostava de brincar com seus filhos, Martín, com Cortés, e Maria, filha de Jaramillo. Todo ano, quando celebravam, com uma missa, a queda de Tenochtitlan, isso lhe incomodava bastante. Cortés apareceu na casa de Malinalli pedindo para que testemunhassem a favor dele, pois, estava sendo processado pela coroa espanhola por desobediência, crimes, promiscuidades, apropriação de terras e, também, pela morte da esposa Catalina, dentre outras coisas. Nesse dia, ela se aborreceu demais com Cortés pela exigência que ele fazia para ela e para Jaramillo. Malinalli se preparou para subir no grande monte para poder purificar sua alma e encontrar seu eixo e entrar em contato com a deusa do equilíbrio Tonantzin.

2. Revisão literária

Nas duas observamos que o narrador atua em terceira pessoa, apresenta as personagens principais como também as personagens secundárias, o tempo é cronológico e o espaço são diferentes pois em Malinche o espaço é a terras astecas e em Apiaguaiki Tupa em terras Bolivianas.

A segunda categoria de Friedman, o narrador onisciente, ou narrador onisciente neutro, fala em 3ª pessoa, também tende ao sumário embora ai seja bastante frequente o uso da cena para os momentos de diálogo e ação, enquanto, frequente, a caracterização das personagens é feita pelo narrador que as descreve e explica para o leitor. (LEITE, 1985, p. 32)

A história colonial da América hispânica é ampla e complexa, as contribuições espanholas a aculturação processada ao longo dos séculos, exigiam pesquisas minuciosas. Conforme Jozef (1989) a contribuição indígena nos estudos etnológicos é impossível ser negada assim como as influências das civilizações que viviam na América, antes da chegada de Cristóvão Colombo.

Almeida no seu texto “Mulher Indígena” relata a chegada de Américo Vespúcio ao novo mundo, o encontro do Velho Mundo e o Novo Mundo.

Visualizada como um paraíso a ser conquistado, a América, nomeada em homenagem aquele que revelou o Novo mundo para a Europa. (ALMEIDA. 2007, p. 462)

Esse Novo Mundo era visualizado como um paraíso a ser conquistado e ganhou o nome de América, em homenagem àquele que o revelou. O território americano é igualado, metaforicamente ao corpo da mulher indígena linda, sedutora, atraente, e muito cobiçada pelos grandes dotes de beleza exótica. Segundo o sentido da metáfora, é a comparação que o corpo da mulher indígena simboliza a terra conquistada.

A obra *Malinche* contém uma nova peculiaridade na literatura hispano-americana com a problematização do passado histórico de um povo. Esta narrativa permite refletir sobre escrita feminina de Laura Esquivel, a qual enfoca o papel da mulher, exclusivamente na personagem principal Malinalli.

Destacamos que esta obra faz parte de um subgênero narrativo, o Romance Histórico, que conforme Jozef nasceu da crônica da conquista e de exemplos europeus que, no fim do XIX, tornam-se mais interessados nos fatos políticos e sociais.

Esse novo romance histórico teve alguns escritores que se sobressaíram com suas narrativas entre eles temos a:

Eduardo Acevedo Diaz (Uruguai, 1851 – 1921) – personalidade vigorosa o qual viveu num ambiente de movimentação política da qual participou ativamente, sua obra tem por objetivo a exaltação das lutas pela independência e, mais tarde, pela afirmação nacional

Nataniel Aguirre (Bolívia, 1843 – 1888) enaltece seu país com diversas obras, porém, em 1885, publicou Juan de la Rosa (Memorias del último soldado de la Independencia) que levou o maior reconhecimento dos intelectuais e da cultura boliviana foi um dos escritores mais importantes do seu país.

3.1. Malinalli, a mulher indígena

Almeida apresenta duas mulheres indígenas, primeiramente a indígena norte-americana Pocahontas aparece como mediadora cultural. Tornou-se mito histórico, a fundadora da nação norte-americana, de acordo com o texto, esta indígena salva o explorador inglês John Smith e começa a interceder por ele diante de seu povo. Casou-se com o inglês, foi batizada, recebendo o nome de Rebeca e, por fim, teve um filho, tornando-se a nobre princesa ameríndia. Se por um lado, para os conquistadores, foi considerada uma heroína, por outro lado, para seu povo ameríndio, suas ações conformam atos de traição. A segunda mulher indígena que Goulart apresenta é Malinche, no contexto mexicano, a índia que chega a ser escrava, tradutora de línguas e amante de Hernán Cortés, a traidora do povo indígena, segundo a lenda.

Malinalli é uma índia de Painala, depois da morte de seu pai, esta foi criada pela avó, que se converte na sua grande amiga e companheira. Isso fez com que avó lhe ensinasse sobre a sabedoria do mundo indígena, com a cultura e a religião inclinada aos sacrifícios humanos, o poder que a palavra obtinha quando se dirigia para seus deuses, o Quetzalcóatl, deus da humanidade, e Chalchiuhtlicue, deusa da água, a importância que códigos que elas desenhavam na mente, mas não que vissem, ao seu redor.

Segundo Almeida, Pocahontas e Malinalli, ambas são mulheres indígenas e foram rebatizadas, pois as duas recebem novos nomes e reproduzem os primeiros mestiços das suas culturas, os novos encontrados.

Carlos Fuentes, em seu texto “Vida y Muerte del Mundo Indígena”, também, cita a chegada dos espanhóis às terras indígenas como motivo de grande surpresa pois estes acreditavam que eram deuses, enviados pelo deus Quetzalcóatl, visto que eram brancos, loiros, barbados e de olhos azuis, como o deus que tinham.

Fuentes menciona o cronista Bernal Díaz de Castillo, que em sua obra, descreve Malinalli com o nome de Malintzin, a Dona Marina, conhecida pelos espanhóis e chamada por seu povo de Malinche, a mulher do conquistador, a traidora dos índios.

Porém, Laura Esquivel a descreve como a mulher corajosa, valente, inteligente e guerreira, aquela que queria ajudar a seu povo a se libertar dos sacrifícios humanos, aquela que valorizava a natureza, que acreditava que estes homens que chegaram de onde nasce o sol eram deuses. Com grande conhecimento que tinha herdado da sua avó, Malinalli aprendeu a língua Nahuátl, porém, ela não mediu esforços para aprender o espanhol. Malinalli, a mulher escrava e tradutora:

Hacía poco, había dejado de servir a Portocarrero, su señor, pues Cortés la había nombrado “la lengua” (ESQUIVEL, 2005, p.75).

Por outro lado, Malinalli sabia da importância que ela tinha para os espanhóis e o significativo papel que exercia ao lado de Cortés, compreendia que suas palavras tinham poder e que essa nação estava nas suas mãos, porém, ela não se sentia preparada, sentia medo de errar e do que podia acontecer com ela e com seu próprio povo.

Ahora ella podía decidir qué se decía y que se callaba. (...) Como consecuencia de su atrevimiento los dioses podían molestarle con ella y castigarla y eso definitivamente le daba miedo (ESQUIVEL, 2005, p.82).

Esquivel e Fuentes, em suas obras, referem-se a Malinalli como a amante do conquistador. Para Esquivel, Hernán Cortés não conseguiu controlar seus desejos e a fraqueza pelo corpo fez com que tomasse a Malinalli como sua amante.

Pensaba satisfacer un poco su deseo pero nada más, no quería romper la promesa de todos los que participaban en la empresa de que iban a respetar a la mujeres indígenas (...) La mente ambiciosa de Cortés no pudo más y quiso poseer a Malinalli y a su dios al mismo tiempo (ESQUIVEL, 2005, p.95).

Malinalli engravida de Cortés, a gravidez representa para ela a união de dois povos do velho mundo com novo mundo, duas culturas. Cortés se sentia contente pela chegada do seu filho, de repente, veio na sua mente que ele não poderia reconhecer este filho pois a realeza espanhola não aceitaria o filho, que foi concebido por uma indígena.

Cuando Malinalli se supo embarazada, se sintió plena, feliz. Sabía que en su vientre latía el corazón de un ser que iba unir dos mundos. La sangre de moros y cristiano, con aquella de los indios, con esa raza pura, sin mezcla (ESQUIVEL, 2005, p.173).

Após muitas caminhadas, derrotas e vitórias, Malinalli ou Malinche, como era chamada pelo seu povo, começou a sentir-se incompleta. Malinalli não se sentia completa pois lhe fazia falta o filho, o tinha deixado com os parentes de Cortés, se sentiu culpada por ter abandonado o filho, refletiu no que tinha feito e se comparou com sua própria mãe. Malinche ansiava pela sua liberdade, queria poder criar seu filho, ser amada, feliz, estava cansada de ver tanto sangue derramado. No entanto, para Cortés, ela era simplesmente uma escrava, mesmo que ele tivesse algum sentimento não podia demonstrá-lo para não perder o seu poder.

Lo que quiero es sentir la piel de nuestro hijo [...] hacerlo sentir el mundo es un lugar seguro, que la muerte estará lejos de él, que él y yo somos uno que estamos unidos por una fuerza mayor que nuestras voluntades. Lo que quiero no puedo tenerlo porque me arrastras en el camino de tus obsesiones. Túme prometiste libertad y no me las has dado [...] Soy la bestia de cargas de tus deseos, de tus caprichosos, de tus locuras [...]. (ESQUIVEL, 2005, p.182).

Cortés, também, era representado como um homem ganancioso, aquele que só pensava nas riquezas que podia obter nessas terras. Obcecado pelas riquezas, Cortés resolve casar Malinalli com o seu companheiro de conquista, o capitão Jaramillo, que, por muito tempo, havia sonhado e pensado em Malinalli, desde a primeira vez que a viu no rio com Cortés, pois ficou encantado pela beleza que transbordava nela.

Esquivel escreve esta obra não somente para apresentar um fato histórico de conquista do povo mexicano, mas também para mostrar a reivindicação da voz feminina, coloca como realidade esses embates emocionais e o pensamento que sempre estiveram presentes na vida das mulheres. Esta refilete a liberdade de expressar-se, o direito de dirigir o seu caminho traçado. A autora não apresenta Malinalli como uma traidora, pelo contrário, faz refletir sobre a situação da mulher, dos problemas que estão ocultos na sociedade.

3.2 As lembranças da força de Malinalli

A personagem Malinalli, no transcurso da obra, apresenta alguns laços de lembranças do passado. Ela recobra a sua infância vivida com a avó, que assume criá-la, depois que falece o seu pai. Uma das passagens foi quando elas foram para o santuário das borboletas, onde os habitantes do seu povo iam para recuperar as energias e adquirir força para enfrentar os aborrecimentos e desgostos que apareciam na vida das pessoas.

Su mente levantó el vuelo y se reencontró fuera del tiempo con su abuela y con el día en que la había llevado a visitar un santuario de mariposas monarca (ESQUIVEL, 2005, p.121).

Veio para suas lembranças essa faceta de sua vida depois do grande enfrentamento dos espanhóis contra os habitantes da cidade Cholula, pois algumas borboletas chegaram até ela com manchas de sangue.

Unas mariposas llegaron hasta. Venían salpicadas de sangre. Malinalli lloró en seco. Sus ojos ya no tenían mas lagrimas. (Esquivel,2005, p.121)

Por muitas vezes, vieram na sua memória lembranças quando era apenas uma pequena menina, os bons momentos que esteve ao lado da sua avó.

Malinalli, recém batizada com novo nome, estava aumentando o fogo com um soprador, o fogo para ela era uma cerimônia importantíssima, e com uma clareza surpreendente lembrou-se do último dia de vida da sua companheira amiga e querida avó.

Malinalli recordó con una claridad sorprendente la última vez que había encendido el fuego en compañía de su abuela. Ella era una niña pequeña [...] (ESQUIVEL, 2005, p. 68).

Nesta mesma passagem, Malinalli, também, se lembra das palavras da avó, dos últimos ensinamentos, da despedida, da última bênção que recebeu, pois, pela última vez, entregou a neta para os deuses para que estes retirassem todo medo e pudessem guiá-la e lhe explicou que ela estaria em todo lugar, no ar, na água, em cada flor na imensidão do universo. Nesse momento, Malinalli compreendeu que tinha chegado a morte para a pessoa que tanto amava, seus olhos se encheram de lágrimas e chorou a morte da avó.

Hoy dejaré estas tierras. No veré derrumbarse todo el universo de piedra(...). La niña sintió que la abuela estaba se despidiendo [...]. La niña comprendió que era la muerte y lloró (ESQUIVEL, 2005, p.71).

As lembranças do que a mãe tinha feito com ela na obra aparecem em várias situações, a primeira é quando ela é levada pela própria mãe ao mercado, ela não sabia o que ia acontecer, transpirava gelado, a pequena mão não queria soltar -se da mão que, talvez, a podia proteger. Nesse dia, o medo se apoderou do corpo, sentiu tanto medo que urinou no local que ela estava.

Su madre soltó los pequeños dedos agarrotados, la entregó a sus nuevos dueños y dio media vuelta. Malinalli, al verla alejarse, se orinó y en ese momento sintió que los dioses la abandonaban (ESQUIVEL, 2005, p.35).

Outra passagem de lembrança que Malinalli foi em companhia de Hernán Cortés, já como a tradutora e intérprete das línguas, dessa vez, ela estava visitando o mercado onde ela tinha sido colocada para doação, a mistura de cheiros, os animais as coisas, faziam que sua memória trouxesse esse momento ruim que ela vivenciou.

El olor mezclado de las madejas de pelo de conejo y de las plumas de quetzal, con el que despedían las hojas chipilín, de hojas de santa, los huevos de tortuga, la yuca, el camote con miel de abeja y la vainilla la hicieron recordar el momento más triste de su infancia. El del día en que su madre la había regalado a unos mercadores de Xicalango (ESQUIVEL, 2005. p.19).

Assim como essa lembrança, tiveram outras que marcaram e transformaram sua infância. Ela, para não se sentir sozinha, preferia olhar e procurar a estrela maior e, nela, depositava todos os seus pensamentos. Passado o tempo, aprendeu outros afazeres como escrava, sua vida toma outro rumo quando é dada como escrava para Cortés para que prestasse seus serviços e servir ao seu novo senhor.

A vida de Malinalli tomou novos rumos e lembranças só aumentavam, pois tinha lembranças do passado e lembranças recentes, anedotas dos enfrentamentos que ela tinha presenciado ao lado de Cortés, as imagens que passavam pela sua mente são de massacres recentes, ou seja, são lembranças do passado mais recente.

Las imágenes que venían a su cabeza en cuanto cerraba sus párpados eran las cabezas, piernas, brazos, narices y orejas volando por los aires. (ESQUIVEL, 2005, p.159).

Na narrativa, percebemos que a absorção da memória está na maior parte, sendo assim consideramos que a memória não é apenas de Malinalli, mas sim de toda a civilização Asteca, Maya, pois, estava sendo reconstruída desde o contato entre as duas culturas a indígena e a espanhola.

3.3 Semelhanças e diferenças da conquista do povo Asteca e do Chiriguano

Podemos observar que Laura Esquivel, destacou o papel da mulher, a heroína do povo mexicano, mesmo sendo doada conseguiu demonstrar suas habilidades tanto com escrava, porém, mais como tradutora de uma língua. Neste ponto, agora, destacaremos e compararemos a obra mexicana com a obra boliviana.

Estas duas obras têm como semelhança a luta dos seus povos contra os espanhóis, tanto no romance de Malinche percebemos que o povo indígena não aceitava que os espanhóis chegassem e tomassem posse das suas terras, da sua cultura da sua arte e das suas

riquezas, assim também o povo Chiriguano lutava para reconquistar a denominada “tierra sin mal” que haviam perdido para os espanhóis.

Una vez más y esta vez de forma definitiva, el fusil ha triunfado sobre el arco y flecha [...]. (APG, 2009, p.22).

Assim como a população Maya, Asteca, da qual Malinche é uma representante, também, os Chiriguano lutaram com todas as suas forças contra a dominação espanhola. Lutavam, é bem verdade, com as armas que tinham, arco e flechas, ao contrário do povo espanhol que chegou nessas terras com grandes armamentos e armas de fogo. Os nativos destas terras não conheciam esses tipos de armamentos, por isso, muitas vezes, tiveram que retroceder nos seus enfrentamentos. Também não aceitavam que sua cultura, suas crenças, seus deuses fossem trocados, porém, os espanhóis, chegaram e impuseram sua cultura, religião e, claro, a sua língua.

Estes personagens tiveram uma nova vida, cada um deles foram rebatizados e, com isso, receberam novos nomes, Malinalli, a índia mexicana foi batizada pelos espanhóis e recebeu o nome de Marina, como já dissemos anteriormente.

Era plena primavera cuando bautizaron a Malinalli. Ella vestía toda de blanco. No había otros colores en su vestido, pero sí volúmenes en su bordado. (ESQUIVEL, 2005, p.51).

Já Apiaguaiki Tupa, quando menino, se chamava de Chapiari, porém, quando jovem, o seu mentor batizou-o, espiritualmente e politicamente, como Apiaguaiki Tupa.

Al pasar por esa formación espiritual y política chapiaguasu recibió el nombre de Apiaguaiki Tupa (APG, 2009, p.5.).

Malinalli, quando era uma pequena menina, foi doada para comerciantes pela própria mãe, este abandono fez com que ela crescesse com ódio, amargura e raiva da própria mãe. Mais tarde, o pai faleceu quando ela era pequena, a avó a criou por alguns anos e, nesse tempo, se dedicou a ensinar-lhe tudo o que podia, depois de um tempo, a avó, também, morreu.

Uma das diferenças importantes entre os personagens principais destas obras é que Malinche foi a “língua” de Hernán Cortés, acreditava que os espanhóis eram deuses. Cabia a ela o que traduzir, interpretar, o que falar e o que calar. Longe disso, Apiaguaiki Tupa não foi abandonado mas perdeu a mãe, em uma das perseguições que os espanhóis fizeram contra seu povo.

Chapiarai, escondido en medio de un matorral junto con un anciano de Isipotindi consigue salvarse milagrosamente, mientras su madre es una de las víctimas (APG, 2009, p.4).

Ele foi criado por um ancião que lhe deu todo seu conhecimento, ensinou todas suas crenças e o formou espiritualmente e politicamente forte para que pudesse combater os espanhóis. Apiaguaiki Tupa se tornou o maior líder do povo guarani que planejava, com seu povo, como contra-atacar e expulsar aos espanhóis. Apiaguaiki Tupa e seu povo chamavam aos espanhóis de “Karai”, os brancos intrusos, os que converteram seu povo em trabalhadores de mão de obra escrava.

Assim como o povo Maya, Astecas os Guarani, também, tiveram diversos enfrentamentos com os espanhóis e muito sangue foi derramado, para que não perdessem as suas terras. As cabeças dos guaranis foram, muitas vezes, expostas em praças públicas para amedrontar os rebeldes.

Los guarani retrocedieron y se dieron a la fuga, dejando en la falda de la colina 40 muertos [...]. Su cabeza fue expuesta a la vista de todos en la plaza de Santa Rosa (APG, 2009, p.18).

Durante más de dos horas los españoles apuñalaron, golpearon y mataron a todos los indios que ahí se encontraban reunidos. (ESQUIVEL, 2005, p.112).

Outro ponto importante é o da violência contra o corpo da mulher, em Malinche percebemos que Malinalli se sente humilhada por Cortes pois este havia sido violento com seu corpo delicado.

Besó su boca, sus senos su vientre, sus muslos, su centro, para satisfacer una voluntad tan furiosamente ambiciosa que casi la partió en dos, la lastimó, la rasgó. Al terminar Malinalli no quiso mirarlo a los ojos, salió del palacio y se lavó en unos de los canales. (ESQUIVEL,2005,p. 146)

Em Apiaguaiki Tupa notamos a violência no corpo da mulher, quando um espanhol, estrupa e mata a indígena que fazia parte do grupo.

Pero, un suceso de suma gravedad desvió el curso del acontecimiento. El corregidor de Cuevo Fermin Saldías, en la noche de año nuevo, violó y asesinó a una jovencita guaraní, sobrina del jefe Asukari de Ivo, el criminal no recibió ningún castigo, esto indigno a los guaraní. (APG, 2009, p. 13)

Conforme nossa análise percebemos que os espanhóis, nestas duas narrativas, tinham o mesmo interesse de apropriação de terras, imposição de sua cultura, de suas crenças, assim como de um idioma, uma nova língua nunca antes ouvida. Estes processos de transformação fizeram, portanto, com que esses povos nunca se esquecessem do passado, ficou gravado na memória de cada um deles e essas histórias são repassadas, por sua vez, para os descendentes desses povos.

3. Considerações Finais

O romance histórico, neste caso das duas narrativas, se desencadeia no fazer literário com o propósito de aliar o trabalho da mulher na sociedade, considerada um ser pensante,

que colabora para a formação intelectual e literária, concedendo novos conhecimentos e valores literários. Ao resgatar e questionar a história, o passado de um local, a escrita de autoria feminina vai obtendo mais valorização, sendo mais reconhecida e evoluindo, por conta disso, na sua forma artística e na sua liberdade de expressão.

Notamos que Laura Esquivel faz com que o papel artístico da interpretação histórica de Malinalli descrevendo-a como uma mulher que possui sentimentos positivos, aquela que adquiriu todo conhecimento e sabedoria da avó, a herdeira de um legado. A protagonista sempre pensou em seu povo ao mesmo tempo em que sofreu por ele, também, sentiu medo e, por isso, é uma personagem complexa que suscita vários sentimentos. Para alguns escritores, como Fuentes, que cita Bernal Díaz no seu texto, ele coloca a índia Malinalli como a traidora, a amaldiçoada pelo seu povo, aquela pensou em si mesma.

O processo da dominação espanhola deixou, portanto, sabores amargos que não serão apagados pelas diferentes culturas, não somente no México, nem pelos Chiriguano, da Bolívia, mas, também, por outras culturas. Consideramos, por conta disso, de suma importância a revisão histórica desses povos para que possamos encontrar novas heroínas e heróis que estão com sua história oculta, com a voz calada.

Concluimos que estas nações são heroicas, pois, sobreviveram aos massacres e que, por isso, estas pessoas foram guerreiras contra quase o extermínio da sua raça.

No final deste artigo queremos explicar que o intuito deste artigo era comparar duas a índia Malinalli com algum contexto histórico, narrativa que descrevesse a mulher indígena boliviana, pois nós somos da cultura boliviana e percebemos que é de suma importância que explorar mais sobre a mulher indígena de nosso país, e de outras culturas pois podemos encontrar diversas Malinalli que ainda não foram reveladas.

5.Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart de. “Mulher Indígena”. In: BERND, Zilá. (org.). Dicionário de Figuras e Mitos literários das Américas: DFMLA. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora UFRGS, 2007.

ESQUIVEL, Laura. Malinche. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Afaguara, 2005.

FUENTES, Carlos. “Vida y muerte del mundo indígena” In: __ El espejo enterrado. México: Fondo de Cultura Económica. 1997.

JOZEF, Bella Karacuchansky. Historia da literatura hispano-americana. 3 ed. Rio de Janeiro: F. Alves. 1989.

LEITE, Ligia Chiappini Morais. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 1985.

Pueblos Originarios Disponível em:

<http://pueblosoriginarios.com/sur/chaco/chiriguano/historia/>. Acessado em 31/10/2016

SANTOS, Maria Luana. O “novo mundo” representado: a força da dominação simbólica em Malinche. Dissertação (Mestrado em Letras PPGL/UFGD), 2014.